

# *Rex Quondam, Rexque Futurus*

#### Tradição Celta, Inglaterra e França

Houve um tempo em que a terra dos bretões foi lançada ao caos. Foi quando o império entrou em colapso sob um bando de governantes ineptos e corruptos, em conluio com alguns grandes mercadores igualmente gananciosos, que não deixavam para a população nem mesmo as migalhas de sua miséria.

Assim, como o resto do império, a terra dos bretões tornou-se um campo de armadilhas, escaramuças e batalhas entre alguns senhores feudais, que não buscavam o bem de seus povos, mas seu próprio benefício. Todos queriam ser "o Rei", mas nenhum deles tinha o espírito de um verdadeiro rei.

As tribos bárbaras do outro lado do canal aproveitaram o caos reinante para invadir a ilha, trazendo ainda mais calamidade e miséria para os bretões. Destruição, fome e escassez devastaram a população, enquanto senhores da guerra e bárbaros se entregavam a massacres e pilhagens selvagens, impulsionados por sua ganância patética.

Foi então que surgiu um verdadeiro rei nas regiões mais ocidentais do país. Tirando a espada da pedra, algo que ninguém foi capaz de fazer para reivindicar o trono, o jovem rei conquistou o respeito de todos por sua integridade, retidão e nobreza. Seu nome era Arthur e ele não veio sozinho, mas estava acompanhado por um grande mago, possivelmente o maior de todos os tempos: Merlin.

Pouco tempo depois e com a ajuda de Merlin, o verdadeiro rei conseguiu reunir, sob sua bandeira de dragão, todos os reis e senhores da Grã-Bretanha, para derrotar os bárbaros invasores em uma série de confrontos que culminaram na Batalha do Monte Badon. Desta forma, ele forçou as hordas invasoras a recuar para as margens do canal e a renunciar a novas tentativas de conquista. Este foi o início de uma época de ouro que seria lembrada por séculos em toda a Europa.

Por sugestão de Merlin, Arthur criou uma irmandade de guerreiros e os organizou em torno de uma Távola Redonda, como um símbolo do mundo e do céu acima de suas cabeças. Nela, ninguém tinha um lugar privilegiado e o rei, sem deixar de ser o rei, conversava com seus guerreiros como qualquer outro cavaleiro. Lá, em torno da Távola Redonda, todos conspiravam para que, alcançada a paz, o povo da Britânia pudesse reconstruir suas vidas e florescer.

Foi assim que, sob juramento, eles se comprometeram a: proteger os fracos dos abusos dos poderosos; ajudar os mais desfavorecidos levando justiça; defender e proteger as mulheres de homens maldosos; criar condições justas para que meninas e meninos pudessem crescer em um ambiente fértil e os idosos terminassem seus dias em paz.

E, com justiça nas terras da Britânia, floresceu a verdadeira paz, baseada nas relações corretas entre os povos e entre estes povos e a terra, que a todos sustenta.

A fama do Rei Arthur e seus Cavaleiros da Távola Redonda atingiu todos os cantos do mundo conhecido e cavaleiros de outras terras, cores e fés começaram a chegar, ansiando por ingressar na irmandade, assumir seu código de honra e elevar a nobreza de suas almas. Desta forma, a Távola Redonda cresceu com guerreiros vindos de toda parte. Mas não apenas nobres se juntaram a esta irmandade: Arthur nomeou cavaleiros e incluiu na Távola Redonda filhos de camponeses e artesãos, pastores ... e fadas. Ele até incluiu homens que, por suas características e condições, incluindo doenças, jamais teriam sido admitidos em qualquer corte real.

Como Merlin havia lhe dito desde o início, ninguém deveria ser excluído se a coragem e a nobreza de seu coração atestassem seu valor.

E, sendo essas as condições para fazer parte da irmandade, como não poderia haver mulheres?

Seguindo o conselho de Merlin, mas também de sua irmã, Morgana le Fay, sacerdotisa da sagrada Ilha de Avalon, o rei abriu a porta da irmandade para mulheres sábias e habilidosas, mulheres de caráter, instruídas nas mais diferentes ciências e artes e de grande coragem e bravura, capazes de enfrentar qualquer guerreiro com o poder de sua mera presença.

Esta prodigiosa irmandade de homens e mulheres, de todas as raças e condições, uma verdadeira elite de justiça e cuidado, levou o povo da Bretanha a viver uma época prodigiosa, a melhor que já tinham vivido ou que viveriam.

Mas tolos, mesquinhos e gananciosos e suas artimanhas estavam a postos para destruir esta magnífica idade de ouro e a traição abriu as portas para o desastre. Em um dos momentos mais difíceis no futuro desta irmandade, depois que haviam sucumbido na Busca do Santo Graal, o maldito Mordred, o filho incestuoso de Arthur, reuniu os mais miseráveis senhores feudais da Bretanha. Esses senhores, ressentidos por Arthur nunca ter lhes convidado para a Távola Redonda, juntaram-se às hordas de bárbaros que esperavam por décadas para vingar a derrota que Arthur lhes infligira.

Foi assim que chegou o dia fatídico em que o rei, com o que sobrou de sua irmandade e exército e sem a ajuda de Merlin, enfrentou o exército de Mordred na batalha de Camlann. A superioridade numérica do poderoso exército de Mordred foi superada pela bravura e valor dos guerreiros de Arthur, mas a batalha resultou em uma carnificina horrenda. No final, apenas Arthur, Mordred e o bom Bedivere, feridos, ainda estavam vivos. Artur matou Mordred, mas foi mortalmente ferido.

Arthur, vendo as sombras da morte aproximarem-se, entregou a Bedivere, Excalibur, sua espada e confiou-lhe a missão de devolvê-la à sua verdadeira dona, a Senhora do Lago. Logo depois um pequeno veleiro da Ilha de Avalon, com Morgana le Fay e três sacerdotisas da Deusa, levaram Arthur.

Dizem que Arthur foi curado de seus ferimentos e muitos têm certeza de que ainda está vivo, na Ilha de Avalon, esperando pelo dia em que o mundo em grave perigo, o fará retornar à frente de sua irmandade da Távola Redonda e seu exército de guerreiros, para evitar o desastre e trazer uma nova era de ouro para os povos do mundo e da Terra.

É por isso que dizem que o Rei Arthur é o antigo e o futuro rei: Rex Quondam, Rexque Futurus.

No condado de Somerset, sul da Inglaterra, a sudoeste da cidade de Cadbury do Sul, há uma colina plana de cerca de 150 metros de altura com uma imensa planície acima. Acredita-se que esta seja a localização do castelo de Camelot, a sede do governo de Arthur, onde ficava o grande salão e a Távola Redonda.

Na aldeia, localizada a menos de 300 metros do caminho que sobe a colina, existe uma lenda antiga. Esta lenda diz que a montanha de Cadbury é oca por dentro. Dentro dela, em suas cavernas, estariam os membros da irmandade da Távola Redonda e todos os guerreiros que outrora pertenceram ao exército do Rei Arthur. Dizem que estão todos em um estado letárgico, esperando que Arthur chegue de Avalon e os desperte em preparação para a grande "batalha" que aconteceria quando o mundo enfrentasse grande perigo.

Adaptado por Grian A. Cutanda (2020).

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. 

### Comentários

A partir dessa história, tentei reunir informações relevantes sobre esse mito do futuro, que é mencionado em diferentes versões medievais do Ciclo Arturiano, bem como nas tradições orais da Grã-Bretanha e da França. A única coisa, que eu saiba, que não aparece nas versões medievais é a história relacionada às sacerdotisas da Deusa em Avalon. Isso também não é uma invenção minha, uma vez que reproduzi as ideias de uma versão contemporânea do mito, As Brumas de Avalon de Marion Zimmer-Bradley, que em nada o diminui.

De resto, tudo mais corresponde ao mito, como a inclusão na Távola Redonda de mulheres, plebeus, pessoas de outras raças, muçulmanos e outros 'pagãos' e pessoas com traços diferentes, como Sir Dinadan. Isso também inclui indivíduos com doenças, como epilepsia, incompreendidas na Idade Média. Para mais informações sobre este assunto, sugiro a leitura de ‘A Comunidade da Távola Redonda’, parte desta Coleção e encontrada entre as histórias relacionadas ao epílogo da Carta da Terra.

Nesse sentido, é surpreendente que, em meio ao obscurantismo religioso da Europa medieval, apareça uma mitologia com valores e atitudes morais muito à frente de seu tempo. Muitos destes valores e atitudes, como o alto valor atribuído às mulheres, vieram provavelmente da cultura celta, a semente dessas histórias. Isso pode ter dado origem à devoção feminina, expressa no amor cortês e em *Faithfuls of Love* de Dante.

Quanto à tradição do retorno de Arthur e seus guerreiros de Avalon, encontramos sua origem acadêmica e literária no clássico de Geoffrey de Monmouth, *Historia Regum Britanniae* (c. 1138). Neste, afirma-se que, embora Arthur tenha sido mortalmente ferido em Camlann, ele não morreu e foi levado para a Ilha de Avalon, onde foi milagrosamente curado. Mais tarde, o próprio Geoffrey introduziria uma reviravolta na lenda em sua *Vita Merlini* (c. 1151), na qual afirmava que Arthur ainda estava vivo e poderia retornar de Avalon para governar novamente (Green, 2009).

No entanto, a fonte escrita mais antiga não é a de Geoffrey de Monmouth, mas os escritos de Guilherme de Malmesbury (1125), que reiteram que 'não existe um túmulo de Arthur e que fábulas antigas referem seu retorno’ (Padel, 1994). Além disso, muitos autores durante o século 12 falam da ‘esperança dos britânicos’, uma lenda aparentemente difundida na tradição popular, mas também conhecida em outras partes da Europa, como testemunhou o francês Peter de Blois (c. 1190) ou o italiano Boncampagno da Signa (c. 1200) (Green, 2009).

Na verdade, a crença na sobrevivência de Arthur era tão forte entre o povo que o monge belga Hériman de Tournai (c. 1146) relatou que, em 1113, houve uma reação violenta no País de Gales, quando em uma reunião religiosa um clérigo comentou que o rei Arthur estava morto (Green, 2009).

Três séculos depois, a lenda ainda está viva. Realçando o caráter da Ilha de Avalon como uma ilha de fadas, John Lydgate, em sua Queda dos Príncipes (1431-1438), ecoou a crença de que Arthur 'ressurgirá como senhor e soberano do reino da Bretanha' (Green, 2009). E, pouco depois, o último dos grandes criadores medievais do Ciclo Arturiano, Thomas Malory, em seu *Le Morte d'Arthur* (1485), registraria a lenda sob o título *Rex quondam Rexque futurus*. Malory introduziria a lenda na história, começando com as próprias palavras de Arthur para Bedivere:

'Conforte-se', disse o rei, 'e faça o melhor que puder, pois em mim não há confiança; pois eu irei para o vale de Avalon para me curar de minha ferida dolorosa: e se tu nunca mais ouvires falar de mim, ora por minha alma. '(Malory, 1969, p. 517).

Malory adicionou como narrador:

No entanto, alguns homens dizem em muitas partes da Inglaterra que o Rei Arthur não está morto, mas foi levado pela vontade de Nosso Senhor Jesus para outro lugar; e que ele voltará e ganhará a santa cruz. Não direi que assim será, mas antes direi, aqui neste mundo ele mudou a sua vida. Dizem que está escrito em sua tumba este versículo: *hic iacet arthurus, rex quondam rexque futurus*. (Malory, 1969, p. 519)

Traduzido: ‘Aqui está Arthur, o antigo e futuro rei’.

A lenda do retorno de Artur era tão difundida que um cronista espanhol conta que, no final do século XVI, o rei espanhol Felipe II jurou, ao se casar com Maria Tudor em 1554, que renunciaria ao reino da Inglaterra se Arthur voltasse (Padel, 1994).

A suposta tumba de Arthur a que Malory se refere foi encontrada, em 1190, na Abadia de Glastonbury. Mas tal descoberta é suspeita, pois ocorreu sete anos depois de um incêndio ter destruído a abadia e todos os tesouros acumulados pelos monges. Aparentemente, os monges precisavam de dinheiro para reconstruir a abadia e inventaram a descoberta da tumba do grande rei, a fim de encorajar os peregrinos a visitar Glastonbury. Por outro lado, Malory errou ao transcrever o epitáfio que, segundo os monges, estava na tumba de Arthur. Segundo eles, lia-se: *Hic iacet sepultus inclitus rex Arturius em Insula Avalonia*. Isso significa: ‘Aqui jaz enterrado o ilustre Rei Arthur, na Ilha de Avalon’. Não há referência ao *Rex Quondam, Rexque Futurus*. Obviamente, era melhor para os monges que ele estivesse morto e bem morto e que as pessoas acreditassem que ele estava enterrado em sua abadia.

Na verdade, é conveniente ver o Rei Arthur pelo que ele é, um personagem mítico, um arquétipo do inconsciente coletivo, provavelmente baseado em um autêntico líder guerreiro que teria vivido entre os séculos V e VI DC, e para o qual são propostas diferentes figuras históricas. Entretanto, os personagens, histórias e símbolos associados ao Ciclo Arturiano têm raízes claras na mitologia celta (Campbell, 1991).

Finalmente, precisamos abordar o assunto da montanha de Cadbury que, de acordo com uma referência antiga (Phelps, 1839, Cap. VI, §1, p. 118), era anteriormente chamado de Camelet, uma clara referência ao mito de Camelot. São os remanescentes de um forte de colina, uma fortificação de madeira (a pedra veio com o mito), grande e com paredes com fossos em quatro níveis. Segundo estudos arqueológicos, abrigou um número significativo de tropas entre os séculos V e VI, o que coincide com o período histórico atribuído ao autêntico Rei Arthur. Segundo arqueólogos e historiadores, era o local melhor e mais estratégico para controlar e interceptar os movimentos das forças (Alcock, 1972; Radford e Swanton, 1975); Tabor, 2008).

Portanto, a sobrevivência da lenda da Cadbury é justificável. O antiquário galês Elis Gruffudd a mencionou no início do século XVI. Ele escreveu duas versões da lenda. Em uma ele fala das cavernas de Cadbury Hill nas quais Arthur e seus guerreiros dormiam. Mais tarde, no século 19, encontramos mais uma vez uma menção à lenda, quando um velho de Cadbury do Sul perguntou a um grupo de antiquários que visitava a vila: 'Vocês vieram para levar o rei?' (Green, 2009 )

Lendas semelhantes falam de Arthur, sua irmandade da Távola Redonda e seus guerreiros dormindo ou letárgicos em cavernas. Essa crença também pode ser encontrada em outras partes da Grã-Bretanha.

Por fim, vale chamar a atenção para algo especialmente marcante sobre esse mito do futuro: como a natureza cíclica –e não linear– do conceito de tempo fica clara ao longo da história. Esta história começa com uma grave crise que se abateu sobre a civilização, a chamada Idade das Trevas. O herói da história e seus companheiros resolvem esta crise para finalmente anunciar, com o seu desaparecimento, que no futuro haverá uma crise semelhante, ou mais grave, que será resolvida pelos mesmos arquétipos.

O *Rex Quondam, Rexque Futurus* é, neste sentido, um magnífico exemplo de uma história que surgiu de uma cultura com uma clara concepção cíclica de tempo.

### Fontes

Alcock, L. (1972). Was that Camelot? Excavations at Cadbury Castle 1966-70. Londres: Thames and Hudson.

Campbell, J. (1991). The Masks of God. IV: Creative Mythology. Londres: Penguin Compass.

Green, C. R. (2009). ‘But Arthur’s grave is nowhere seen’: Twelfth- century and later solutions to Arthur’s current whereabouts. Arthuriana. Disponível em http://www.arthuriana.co.uk/n&q/return.htm

Malory, T. (1969). Le Morte d’Arthur, Vol. II. Harmondworth, Reino Unido: Penguin Books.

Padel, O. J. (1994). The Nature of Arthur. Cambrian Medieval Celtic Studies, 27(1994),1-31.

Phelps, W. (1839). The History and Antiquities of Somersetshire; Being a General and Parochial Survey of That Interesting County, to which is Prefixed an Historical Introduction, with a Brief View of Ecclesiastical History; and an Account of the Druidical, Belgic-British, Roman, Saxon, Danish, and Norman Antiquities, Now Extant, Vol. II. Londres: J. B. Nichols & Son.

Radford, C. A. R. & Swanton, M. J. (1975). Arthurian Sites in the West. Exeter, Reino Unido: University of Exeter Press.

Tabor, R. (2008). Cadbury Castle: The Hillfort and Landscapes. Stroud, Reino Unido: The History Press.

#### Associado ao texto da Carta da Terra

O Caminho Adiante: Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverencia face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.

#### Outras passagens que esta história ilustra

Preâmbulo: Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.

Preâmbulo: A Situação Global - Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

Princípio 3b: Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

Princípio 9c: Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir aqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

Princípio 11a: Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.

Princípio 11b: Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias.

Princípio 12a: Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.

Princípio 13e: Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.

Princípio 16f: Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

O Caminho Adiante: Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

O Caminho Adiante: A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo.

